

Boletim

O Gabelense

ano VII - nº 15 /dezembro 2004

a minha
homenagem

o pensamento

2º. semestre de 2004

Anos de convívio nos encontros, os gabelenses, espalhados por todo o Portugal, vão mantendo o seu espírito de unidade, ligados a sua Associação, apoiando-a, conscientes de que contribuem para a manutenção de um espírito de solidariedade, comungando dos mesmos sentimentos, quando recordam, depois de tantos anos, o que foi a sua vivência em terras do Amboim, Cuanza-Sul, Angola, onde muitos constituíram família, construíram os seus lares, onde trabalharam e educaram os seus filhos, edificando uma cidade - a Gabela, de que tanto se orgulhavam ...

Longe daquelas paragens onde criaram raízes e adquiriram uma experiência de árduo trabalho, radicados em Portugal, para onde

regressaram (*não retornaram*) reconstituíram as suas vidas e, de novo, com perseverança e mercê da sua longa experiência na luta pela sobrevivência, refizeram as suas vidas, acabaram de educar os seus filhos cuidando agora, muitos, dos seus netos, integrados numa sociedade que, de início os repudiou ...

As recordações começam a esfumar-se e, apenas quando se encontram servem de conversa ... Ficam as histórias para contar aos vindouros, da vida árdua de labuta convencidos de que, apesar das agruras e desilusões sofridas - *venceram lá e cá* - contribuindo com o seu regresso para a estabilidade e recuperação económica de Portugal, que vieram encontrar abalada e sem crédito ...

**A todos os gabelenses,
que são o nosso orgulho,
OBRIGADO ...**

A Direcção da Associação.

índice

ficha técnica

editorial	pág. 2
quem roubou quem!!!...???	pág. 3
a minha homenagem	pág. 4
confraternização em mogofores	pág. 6
angola	pág. 7
paróquia rainha santa isabel	pág. 8
ai ué angola!	pág. 9
notícias de um gabelense na califórnia	pág. 12
crónica da califórnia	pág. 13
o conceito de desporto	pág. 15
o pensamento	pág. 16
lar d'o gabelense ou lar d'o angolano	pág. 19

propriedade

Associação dos Naturais ex-Residentes
e Amigos da Gabela
Rua Américo Durão, lote 16 - 7º C
1900 LISBOA
Telefone: 21 848 23 23

redacção

Todos os Gabelenses c/ a supervisão
de Acácio Oliveira

composição gráfica

Tipolito - Gráfica Regional, Lda.

impressão

Tipolito - Gráfica Regional, Lda.

periodicidade

Semestral

quem roubou quem!!!... ???

silva carvalho

Os gabelenses têm resistido e vão ultrapassando, com o decorrer dos tempos, as dificuldades com que foram confrontados a sua chegada a Portugal já lá vão cerca de trinta anos ...

Não tem sido fácil a adaptação às novas realidades, no decorrer dos anos, iniciando um *nova vida* em circunstâncias difíceis, sem apoios que, merecidamente, deviam receber, por terem sido obrigados a abandonar os seus *lares e haveres*, representados para a maioria em longos anos de trabalho árduo e em condições adversas, em que dedicaram uma vida para construir um pecúlio de sobrevivência, porque nem todos eram ricos e com vidas desafiadas ...

O colono extraiu da terra tudo para a sua sobrevivência, o necessário para viver, criar riqueza e construir um País, a continuidade da *mãe Pátria*, compartilhando a experiência prática do seu saber, adquirida com muita tenacidade, com as populações nativas, que se enquadraram numa sociedade multirracial empenhada em construir o país que é hoje Angola.

Pena é que se não tenha dado continuidade ao desenvolvimento que era patente na agricultura, pecuária e indústrias delas derivadas, que constituíam o suporte da economia das populações, apoiadas num comércio, fornecido dos bens essenciais ao

alcance de todos, nos mais recondidos locais daquela imensa terra ...

Nem a guerra de longos anos conseguiu deter o desenvolvimento de Angola ou desvanecer o espírito empreendedor do colono e, muito em especial do concelho onde os gabelenses pontificaram - o *AMBOIM* - cuja fama da sua principal riqueza, o *café (ouro negro)*, ultrapassou fronteiras e era mundialmente reconhecido pela sua excelente qualidade.

Os bens essenciais eram produzidos localmente para benefício das populações e a todos chegava sem restrições ... Tudo se produzia com abundância ... o necessário para alimentar e manter o povo.

Hoje Angola é conhecida e apenas se refere como riqueza ao petróleo, que mantém uma economia carente, incapaz de sustentar o povo que cada vez mais padece com a fome ...

O colono criou riqueza e nunca explorou a riqueza - petróleo ou diamantes ... que hoje suporta e apenas favorece uma burguesia opolenta e insensível, que faz por ignorar o seu Povo carente, cuja maioria, vive abaixo dos limites da miséria...

Afinal quem "explorou (explora) e "roubou (rouba)" ... ? O colono ou os actuais governantes de um país dos mais ricos de África, que negam ao seu povo o mínimo para a sua

sobrevivência ... ?

O colono deixou um país a prosperar, rico e sem fome, em franco desenvolvimento, em que tudo se produzia - o sexto produtor de café do mundo - Que é feita dessa riqueza?

O colono não extraiu diamantes e muito menos explorou petróleo, mas construiu um país - **ANGOLA** - com uma agricultura e pecuária rica que a todos beneficiava ...

Seja feita justiça e reconheça-se o mérito do *colono português*, que como diz o Poeta, também ajudou a dar "**novos mundos ao mundo**".

A minha gratidão e justo reconhecimento a todos que viveram, trabalharam e contribuíram para a construção de Angola, onde nasci, cresci, vivi, me fiz homem e constitui família, com especial referência para o *colono que tudo sacrificou e tanto contribuiu para o seu desenvolvimento de início, explorando e desbravando, fixando-se no interior em condições difíceis* comendo o "pão que o diabo amassou".

Esta é a minha insignificante homenagem a quem eram devidos justos louvores ...

mensagem 25DEZ.2004 - NATAL

É Natal ... É Natal ... É Natal ...

Glória ao *Senhor*, nasceu o *Menino*, bendita sejam *Senhora, Mãe Eterna*.
Com a boa nova apregoa-se a *Paz* e a fraternidade entre os *Povos*, a solidariedade e a *ajuda* aos mais carenciados, aos desprotegidos, a quem precisa de apoio ...

Apregoa-se ... !!! mas não se concretizam as intenções ...

Todos sabemos, mas é Natal ... Sejamos crentes ...

Os nossos votos sinceros, para que os gabelenses, em Família, festejem e tenham um Bom NATAL e que o NOVO ANO o vivam em Paz e prosperidade.

Para todos os gabelenses, a quem o nosso boletim com a mensagem chegar.



A Direcção da Associação

a minha homenagem

mário frota

professor universitário de paris XII



Uma minúscula sala adjacente ao parque escolar por cenário.

Uma figura tutelar.

Uma instituição de referência onde a **educação integral** constituía palavra de ordem.

A urbe, a mais tropical dos recantos africanos: a morena Benguela, a ancestral M`ombaka, ombreada pelas acácias rubras, seu *ex-libris*.

A minha experiência original, no Colégio Nun'Alvares, não fora frutífera.

Aos **imperativos militaristas** de um qualquer instrutor oriundo das fileiras, ripostáramos com um humor desconcertante (que tantos rememoram): havia que ser-se breve e pronto. E quando se nos dirigiram a saber o nome, disparámos em tom resolutivo: MÁRIO A. (A PONTO) FROTA. Incorremos no gáudio dos circunstantes e nas iras do circunspecto monitor.

Valera-nos ocasional visita B **desvalorizada sede regional** da Mocidade, na vetusta Escola 30, onde havia duas personalidades de relevo, cada qual na sua esfera de influência: o venerando Papo-Seco, um contínuo africano, referência para cada um dos meninos de bibe e calção que à sombra das frondosas mulembas se iniciariam no aprendizado das primeiras letras.

E, na Mocidade, uma criatura invulgar, aureolada de uma formação ímpar, modelo de virtudes, educador nato, fonte de onde brotava um quadro exemplar de qualidades (que se revia no lema: Honra, Dever, Serviço, Sacrifício) e que era de um humanismo luminoso, transbordante, insuperável, como perene lição de vida.

Luís Henrique da Silva Carvalho, de seu nome completo, nascera no Calulo e rumara a Benguela.

Conhecemo-lo, em circunstâncias tais, como instrutor da Mocidade.

Ao Luís incumbiam responsabilidades directas na delegação. De tal sorte que o Luís era o rosto visível da instituição. Não sei se pela ausência do delegado se pelo seu natural apagamento ante a figura excelsa, de educador de eleição, do Luís.

Corriam os anos 50.

Como que atraído por personalidade tão modelar, arvorámo-nos em restaurador, conservador do humilde património com que tão exíguas instalações contavam, como que a desmerecer das instituições e dos responsáveis o papel relevante que se lhes imporia ante o seu estatuto orgânico.

E a Mocidade, execrável, ao que se dizia, no Continente, era, na realidade, mesmo na Benguela de então, foco da oposição ao regime, uma instituição tolerada, que

os filhos-família não renegavam, imposições à parte. E em que militavam indiscriminadamente com os mais, oriundos de onde quer que fosse.

Nela se formaram gerações de jovens cujos horizontes se fechariam não fora a escola de vida que ali se forjava, a camaradagem haurida, as actividades de campo desenvolvidas, o desabrochar de actividades recreativo-culturais a que se assistia, à revelia do **esquerdo-direito-um-dois**, a que tantos resumiam, na "apagada e vil tristeza da época", uma actividade de formação que tinha sabor mais amargo do que o do imposto "óleo de fígado de bacalhau".

Não sei que escola teve o Luís. Mas que o Luís pela sua inata vocação era o rosto de uma Escola com maiúscula a que um qualquer progenitor entregaria os seus filhos cegamente, era inegável.

O Luís foi o irmão mais velho. O Luís foi o curador, o tutor. O Luís foi o exemplo de virtudes que qualquer um perseguia.

O Luís temperava a austeridade, o rigor, a transparência, a eficácia, com a bonomia, a tolerância, a oportunidade, a discussão serena dos temas, com o culto dos princípios e dos valores.

Desportista de eleição, esteve na génese dos campeonatos inter-escolares de um sem número de modalidades que concorriam para a mobilização de todos em todos os estabelecimentos e em todos os escaltes.

Das disputas regionais, cedo se transpôs as fronteiras, conferindo-se os moldes dos campeonatos provinciais que religavam Cabinda ao Cunene (o Norte e o Sul) e o Lobito a Teixeira de Sousa (o litoral ao interior leste). Numa explosão de juventude. Num "*mens sana in corpore sano*" amiúde saudado.

O Luís, ante as exigências funcionais, rumara a outras paragens: retornou à terra-mãe--ao Cuanza-Sul.

Mas não deixou de espargir o bom exemplo e de concorrer com a sua acção conformante e decisiva para a formação de novos valores, num empenhamento sem qualificação, "**comando estimulado por sentimentos que não por vencimentos**", como lapidarmente se definia em "A Missão dos Dirigentes".



A Mocidade foi, pela inteligência e pela acção de figuras de relevo como o Luís (o Senhor Silva Carvalho, para tantos!), o cadinho em que se fundiram etnias, credos, convicções, uma verdadeira escola de iguais, um cabouco fecundo e um tirocinio para uma sociedade democrática, como o era, afinal, a sociedade que Angola conheceu nos anos 60 e 70, mau grado a guerrilha que eclodira a Norte e, mais tarde, a Leste. E em particular a Benguela, em que tanto e tudo se mesclava, numa sociedade singular em que pontificavam tanto os Peyroteos, como os Benchimóis, os Silva Amado como os Birrentos da Silva...

A figura singular do Luís de Carvalho (para nós) carece de exaltação.

Os seus eternos discípulos que afirmaram as bases da educação integral havida nas fileiras da Mocidade, nas múltiplas instituições e intervenções na vida, mesmo no Continente, a que os remeteu a tão decantada "*exemplar descolonização*", terno decerto, para além da homenagem que o Gabelense ora lhe tributa, uma palavra de evocação e de consagração para que o preito que lhe é devido, assuma a dimensão real, nos desacertos da vida e nos desencontros a que nos sujeitámos e que constituem o quotidiano de cada um e todos nesta complexa língua de terra, outrora denominada "*jardim à beira-mar plantado*".

As palavras em que se possa envolver o Luís não são suficientemente expressivas, pelo que nelas se não reflecte na grandeza da sua figura, na magnitude do seu carácter, na excelência de uma personalidade que se consagrou aos outros, desinteressadamente, sem vaidades nem propósitos vãos.

"*Sic transit gloria mundi*" ...

O Luís foi, na sua postura vertical, que tantos ilusoriamente confundiam antes de com ele se familiarizarem, com um "certo distanciamento", um monumento de simplicidade, de probidade, de genuidade, um condutor de homens dotado de uma invulgar energia e de uma generosidade sem limites.

Quanto deploro o não ter um vocabulário que pudesse perpetuar o perfil de um Homem a quem devo o que sou como ser social...

Se renegasse o meu apego às causas, à solidariedade, aos outros, no despreendimento de vida de que foi invariavelmente modelo, invectivá-lo-ia deveras porque por "culpa sua" resistimos aos apelos deletérios e dissolutores do tempo e nos revemos nos quadros educacionais em que nos iniciou e moldou...

Se cedéssemos aos sinais dos tempos, em lugar da homenagem, condená-lo-íamos às galés!

E esse é o melhor tributo que lhe poderemos prestar.

Se ser-se íntegro é mal social, se ser-se intransigente com os videirinhos, os corruptos e os que dissolvem o ser social aos seus interesses míseros e mesquinhos, é pecha de proscriver, susceptível de se exorcizar, um dedo em riste se pode apontar a um homem que foi a minha circunstância e a de tantos!

E esse Homem é Luís Henrique da Silva Carvalho!

Que me releve tamanha heresia!



confraternização mogofores

maria teresa silva couto



Um dia quente de verão contribuiu para que o céu em Mogofores se apresentasse azul e com uma temperatura ideal, digamos, um convite a uma sensação de bem-estar, oferecendo aos gabelenses um reencontro amigável no qual o calor humano foi evidenciado pela euforia. Como foram deliciosas as recordações que ficaram gravadas nas memórias de todos os que ainda vêm a sua terra natal como um marco de referências, tendo sido ressaltadas as ocorrências mais relevantes, que fizeram histórias inesgotáveis para mais tarde recordar.

De regresso a casa a euforia deu lugar à meditação, e por momentos menos agradáveis, tive que dedicar um minuto à reflexão de alguns acontecimentos, num gesto de amizade a todos os que por uma razão ou outra não puderam estar presentes, mesmo para com todos os que já não fazem parte deste universo, mas, habitam dentro de nós para sempre e até que as vozes nos ouçam.

Entretanto, o culminar de um dia de lembranças foi, sem dúvida, dedicado exclusivamente aos oriundos da Gabela Concelho do Amboim, região onde a riqueza dos recursos naturais falava por si, daí, a exploração agrícola apontar para o maior investimento de todos os que quisessem explorar o subsolo envolvente, transformando-o numa fonte de riqueza, quer pela multiplicação dos bens essenciais, destinados a consumo próprio, ou cedidos por uma determinada quantia (moeda angular), em prol de uma economia dentro dos parâmetros aceitáveis.

Contudo, o café considerado o produto

determinante, aliado ao cheirinho característico, jamais poderia estar em desuso descrever a beleza paisagística oferecida pelas imponentes plantações bem delineadas, assim, como pela sua produtividade que contribuiu para o reconhecimento de muitos fazendeiros da região, cuja atitude se traduzia num espírito de competitividade, a fim de que as suas roças fossem destacadas ao mais alto nível, apesar dos contratempores que por vezes tinham que enfrentar. Porque eram muitos, é-me difícil enumerá-los, mas, recordo-me de um deles em particular que atingiu dimensões abismais, testemunhadas pela autenticidade de “uma explosão agrícola”, ou seja, a oferta do café foi superior ao da procura, o que inviabilizou o escoamento das toneladas do **ouro** das roças, estando entre elas a **roça Anabela**, situada na localidade do Assango. Esta, atrás descrita, tem um significado especial para mim, por ter



Pertencido aos meus pais (Joaquim Couto e Aurora), que fizeram desse local um verdadeiro jardim botânico e que por tradição familiar também deram o seu árduo contributo, estando à altura dos desafios dessa época e culminando com um desfecho final igual à realidade que

esperavam. **Rentabilidade, acima de tudo, porque esta era a palavra-chave, para o êxito anual de cada colheita.** Os lucros obtidos seriam a concretização para o crescimento pessoal dos fazendeiros.

Em síntese:

É notório que sinto por vezes uma necessidade acrescida em exteriorizar o que me vai na alma, para dar lugar a uma outra etapa que passa pela minha integração nos quadros da função pública nesta terra longínqua, onde dedico toda a experiência adquirida ao longo de mais de duas décadas nos serviços Administrativos de uma Escola Secundária no Concelho de Cascais, depois de ter passado por outros departamentos, também ligados ao Ministério da Educação.

Despeço-me de todos com amizade e um feliz reencontro.

Maria Teresa Silva Couto
(para os amigos e familiares “GINA”)



angola

catilina valbom

Memórias há que amaria guardar;
Lugares há que gostaria de recordar;
Luares há que adoraria observar;
Fotografias há que poderia tirar;
Imagens há que teria querido reter;
Pessoas há que teria pretendido conhecer;
Momentos há que teria preferido viver;
Pormenores há que teria prometido não esquecer.

Tudo isto ficou por descobrir
Quando meus pais tiveram que partir;
Quando a guerra se começou a sentir;
Quando lhes foi apagado o sorrir.

Mas...

Memórias há que me continuam a descrever;
Lugares há que me sinto percorrer;
Luares há que me fazem sonhar;
Fotografias há que me perco a desfolhar;
Imagens há que me prendem o olhar;
Pessoas há que me acabam por apresentar;
Momentos há que me pedem para rever;
Pormenores há que me levam a entender...

...Que tudo se resume a uma palavra: Angola!

Catilina Valbom



Dedicado aos meus Pais
Catilina Valbom

25/10/2004

padre manuel alexandre

acácio oliveira e maria manuela

Um dia de verão, deste ano, eu e minha mulher passamos por Fátima, propositadamente, para estar um pouco com o padre Alexandre.

Não foi difícil dar com a sua casa, pois a terra é pequena e levávamos referências sobre a sua residência. Encontramo-lo bem de saúde, mas com um pouco de surdez, cuidado por um grupo de freiras, que vivem na mesma habitação.

Com ele estivemos cerca de uma hora e entre muitas coisas que recordamos, foi que o seu nome completo é Manuel Duarte Alexandre, nasceu em Montreal no dia 14 de Dezembro de 1915 e foi ordenado padre em 07 de Agosto de 1938.

Para quem como nós, o queira visitar, terá que o procurar na rua do Beato Nuno,



nº232 em Fátima ou se isso não lhe for possível pode ligar-lhe através do telefone numero 249533949.

Ao senhor padre Alexandre todos os gabelenses desejam concerteza a continuação de boa saúde e muitos anos de vida.



paróquia da rainha santa isabel

C. P. 95 – gabela – email: pargabela@supernet.ao

p. agosto farias

A Direcção dos Gabelenses:

No dia 16 de Outubro de 2002, o Sr. Padre Augusto Farias, escreveu ao nosso amigo e bem conhecido **António Castro**, a carta que passamos a transcrever:

“Caro amigo.

Como lhe disse quando estive no seu escritório vamos à reabilitação da nossa Igreja Paroquial. É neste momento uma grande prioridade.

Quando aqui cheguei deparei-me com o estado lastimoso da Igreja. Não havia condições para iniciar a sua reparação. Nunca avancei com este processo porque não tínhamos casa. Já consegui fazê-la.

É uma casa original feita de terra comprimida. Estamos a terminar também o Centro Paroquial do mesmo material. Agora queria começar com a reparação da Igreja que ameaça ruína, porque o tecto está todo podre e chove como na rua, e aqui chove muito.

Está muito degradada: todo o barrotame e ripado podre. As telhas também estão podres muitas delas. A caixilharia também está muito estragada e a maior parte dos vidros partidos, uns pela guerra, outros não se aguentaram na caixilharia. Há paredes já a deteriorarem-se com salitre e a pintura também muito feia. A instalação



eléctrica também é um perigo, ou seja, precisa de uma reabilitação completa.

Neste momento começo a bater a algumas portas para ver se conseguimos meios indispensáveis para a reparação geral da igreja. Há já algumas promessas. O povo, mesmo na pobreza também vai dar a sua colaboração. Também venho de novo bater à sua a pedir o seu apoio. Ando a ver preços da telha aqui fabricada em Luanda.

Dizem-me que a qualidade é fraca, mas

importa-la também fica hoje muito caro por causa do transporte e direitos alfandegários. Estou a dar os primeiros passos neste processo.

Gostaria que ela conservasse o estilo que tinha, se bem que já foi bastante adulterada antes da minha chegada. Ando a ver se consigo madeira da região para o barrotame e forro. Gostaria que ficasse sem pintar mas apenas tratada a madeira e envernizada.

Queria iniciar em Maio próximo quando terminar o período das chuvas, mas não posso avançar sem ter garantias de alguns apoios.

Sei que quer ajudar. Por isso desde já o nosso agradecimento. Para o nosso contacto o melhor meio é ainda o E-mail que por enquanto vai funcionando, pelo menos nalguns dias em que a linha está melhor.

Aguardando por notícias suas me subscrevo com amizade.

P. Augusto Farias”

Pelos nossos amigos gabelenses irmãos Castro foram enviadas este ano, de Portugal para a Gabela 5.000 telhas. Assim podemos afirmar “Um homem sonha, Deus ordena e a obra nasce”.



ai ué angola!

são marques

Finalmente estou de férias... ! Depois de um ano a correr de Abrantes para Quarteira, onde fiquei colocada a dar aulas na E.B. 2/3 de Quarteira. Como diz uma tia idosa... Fartei-me de passear...! Nem uma só vez pisei a areia da praia.

Para relaxar, nada melhor que ver programas da Odisseia ou Discovery sobre África ou sobre a vida selvagem. Os sons da selva fazem-me nostalgia. O por do sol africano é único... a noite inesquecível.

Ai ué... !

Um dos programas que mais me tocou, foi o das últimas cheias moçambicanas. Felizmente que a África do Sul disponibilizou muitos helicópteros e militares para resgatarem aqueles infelizes.

Impressionou-me a fragilidade daquele povo.

Extraordinário o caso daquela mulher que deu à luz no cimo de uma árvore onde se refugiara durante dias, com os filhos.

Centenas de pessoas mantiveram-se no cimo dos telhados ou no topo das árvores, durante dias, à espera de auxílio.

Muitos infelizmente morreram.

Foi uma situação extrema que mostrou ao mundo como os moçambicanos estão desprotegidos, famintos... numa miséria confrangedora.

E, em Angola... será diferente? Ai ué...!

Não creio...! De que serve produzir petróleo... diamantes?

Numa recente notícia da TV, informaram que morrem em média seis crianças por dia, em Cabinda.

E quantas morrem diariamente no Huambo? Na Huila... ? E, noutras províncias... ?

Quantas morrem na Gabela... ? Quantas?

A verdade é que a Gabela que a todos deixou saudades, não existe mais... Restam destroços... buracos... matagal... casas sem telhados... etc. Ai ué... !



No último boletim fiz uma crítica ao número um de Angola e mantenho. O que mais abunda em Angola é a corrupção.

Tudo tem um preço... É fundamental ter "amigos" bem colocados e boas "luvas" para oferecer.

Havia um ministro que tentou ser um governador de província incorruptível (antes de se tornar ministro)... Mas das tentativas de envenenamento escapou com dificuldade e com sequelas. Até o juiz da Huila foi envenenado.

Não adianta remar contra maré... !

Um conselho a quem pretenda voltar a Angola leve uma agenda recheada de endereços de amigos a quem recorrer... e muito dinheiro no bolso... é fundamental... ai ué...!

Deixemos as coisas tristes. Na última reunião dos gabelenses tive uma grande alegria. Revi um amigo que deixei de ver desde a guerra. Há trinta anos que não via o "Boneco" (Rui Teodósio).

Mas foi só ficar na sua frente, olhos nos olhos que, logo o reconheci... Que alegria... ! Valeu...

Até breve...



CAVES ALIANÇA, S. A.

75 Grandes Anos com os olhos no futuro

As origens

Foi já no longínquo ano de 1927 que as actuais Caves Aliança, S.A. iniciaram em Sangalhos a sua actividade, então sob a denominação social Vinícola de Sangalhos, Lda..

Os seus dois principais impulsionadores, Domingos Silva e Angelo Neves, eram já então pessoas experimentadas nos negócios e nas artes vnicas. O primeiro porque já desenvolvia uma actividade comercial variada e o segundo, enólogo nato e já com provas dadas, era o responsável pela Sociedade Vinícola Aguedense, Lda., com sede no lugar do Vale Grande, do concelho de Agueda que, entretanto, fora tomada de trespasses.

Àqueles dois líderes se aliaram mais nove sócios, formando assim uma grande aliança que viria a justificar o nome de "Caves Aliança" que anos mais tarde foi incorporado na denominação social e que perdurou até aos dias de hoje.

A experiência e o dinamismo dos seus fundadores fizeram com que a incipiente Vinícola de Sangalhos desde muito cedo se assumisse com pretensões a uma grande empresa quando, logo nos anos trinta iniciou a sua actividade exportadora para o Brasil e para França e quando à sua volta começou a desenvolver um conjunto de actividades afins, como a destilação de aguardentes e a de serração de madeiras para a sua caixotaria e para a sua tanoaria.

As Caves

Integradas na Rota dos Vinhos da Bairrada, as Caves Aliança ocupam actualmente em Sangalhos, uma área superior a 30.000 m² onde têm efectuado vultuosos investimentos em instalações que ocupam uma área coberta de cerca de 20.000 m², distribuída por vários pisos incluindo as suas labirínticas galerias subterrâneas. Aqui se fazem e armazenam ao longo dos tempos alguns milhões de garrafas de vinhos V.Q.P.R.D. e de espumantes naturais preparados pelo método clássico, outrora designado por "método champanhês", caracterizado por fazer a segunda fermentação (champanhização) dentro da própria garrafa.

Mas para além dos conhecidos vinhos e dos apetezados espumantes naturais, onde as Caves Aliança têm alcançado um vasto e invejável palmarés no País e no Estrangeiro, a empresa continua a elaborar também afamadas aguardentes vnicas velhas, sector em que é líder de mercado nacional e para o que dispõe de um valiosíssimo stock em envelhecimento.

Percorrer este mundo subterrâneo, sentir os cheiros dos taninos das suas amplas naveas repletas de milhares de pipas de carvalho com aguardentes e vinhos em estágio, encher a vista com tantas e tantas pilhas com milhares e milhares de garrafas ordeiramente dispostas e identificadas pelos lotes, por categorias de produtos, por colheitas, por regiões de proveniência, é descobrir um mundo inimaginável d sensações por quem, passando na estrada, apenas avista uma construção simples e com reduzida visibilidade.

Mas é também a maneira de nos apercebermos o quão complexo e exigente é todo o processo produtivo, para que os produtos cheguem aos mercados com as características que os consumidores pretendem e capazes de competir com tantos outros dos mais diversos produtores e países.

É que as Caves Aliança, para além de serem uma empresa de referência no mercado nacional, não têm descurado a sua vertente exportadora, enviando para os mais diversos mercados espalhados por todo o mundo quase 50% da sua produção, na maioria vinhos de mesa.

Preparando o futuro

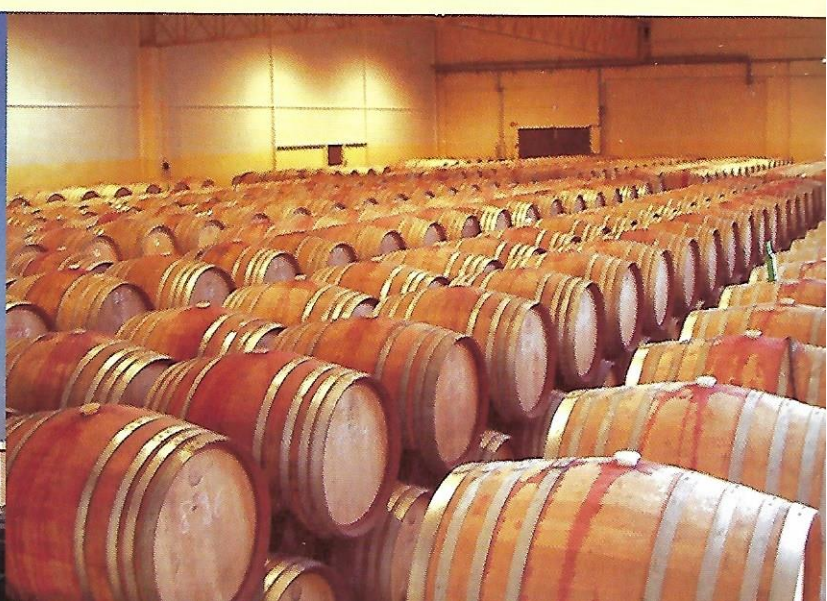
Para melhor poderem enfrentar esse desafio, as Caves Aliança não só têm investido continuamente na actualização das suas instalações, nomeadamente com a construção recente de um novo centro de vinificação para vinhos de topo de gama com técnicas de vanguarda, assim como tem investido nos seus sistemas de controlo e melhoria dos processos de fabrico, o que lhe possibilitou a sua certificação há já alguns anos segundo as Normas ISO 9002. Presentemente preparam-se já para a certificação de acordo com as Normas ISO 9001/2000.

Mas porque a condição fundamental para a obtenção de óptimos vinhos é dispor de óptimas uvas, nos últimos anos tomou uma opção clara e forte por investir em vinhas. Do Alentejo ao Douro, passando pela Bairrada, pelo Dão e pela Beira Interior, as Caves Aliança têm vindo a proceder a um trabalho selectivo e intenso de exploração, plantio e reconversão de vinhas que já ocupam uma área superior a 350 ha onde, apoiada numa equipa de jovens técnicos com formação actualizada, procuram produzir as uvas mais adequadas à obtenção de vinhos de topo de gama e outros, com objectivo de, sustentadamente, elevar cada vez mais a qualidade das suas marcas e contribuir eficazmente para a melhoria da imagem dos vinhos portugueses no estrangeiro.

Recorrendo também à larga experiência internacional de dois consultores enólogos de Bordéus, Michel Rolland e Pascal Chantonnnet, os primeiros frutos dessa aposta nas vinhas e em novas práticas enológicas começam a aparecer. Neste ano jubilar, já foram lançados no mercado três novos vinhos de topo de gama: "T da Quinta da Terrugem", (Alentejo), "Quinta dos 4 Ventos" (Douro) e "Quinta das Baceladas" (Bairrada), todos da colheita de 1999, que têm vindo a merecer da parte dos críticos especializados os mais elogiosos comentários.

Para o próximo ano, novos lançamentos se perspectivam com base na colheita de 2000, enquanto que a colheita de 2001, donde se espera venham a surgir excelentes vinhos, só será lançada no ano seguinte.

Em consequência dessa aposta, as Caves Aliança pretendem afirmar-se como um produtor nacional de vinhos de qualidade, cujo universo pode ser observado quer na visita às suas instalações em Sangalhos, quer em visitas às suas quintas e através da internet.



AS PRINCIPAIS MARCAS

Aliança Particular Bruto, Espumante
Aliança Tinto Bruto, Espumante
Aliança Danúbio Bruto, Espumante
Antiquíssima, Aguardente
Antiqua, Aguardente

Aliança Velha, Aguardente
Quinta dos 4 Ventos, VQPRD Douro
Foral Grande Escolha, VQPRD Douro
Aliança Particular, VQPRD Dão
Quinta das Baceladas, VQPRD Bairrada

Aliança Garrateira, VQPRD Bairrada
Angelus, VQPRD Bairrada
Galeria, Regional Beiras
T da Quinta da Terrugem, VQPRD Alentejo
Quinta da Terrugem, VQPRD Alentejo

Alabastro, Regional Alentejo
Aliança Particular, VQPRD Palmela
Quinta da Cortezia, VQPRD Estremadura
Casal Mendes Rosé, Vinho de Mesa

AS QUINTAS:

BAIRRADA:

Quintas Forum Prior do Crato
Sangalhos (Anadia)

Quinta das Maribanas
Óis do Bairro (Anadia)

Quinta das Baceladas
Outil (Cantanhede)

DÃO:

Quintas da Garrida e do Vale do Pereiro
Vila Nova de Tazem (Gouveia)

Quinta das Casticeiras
Moimenta da Serra (Gouveia)

DOURO:

Quinta dos 4 Ventos
Porto de Bois
EN 222-4
Cedovim (V.N. Foz Coa)

BEIRA INTERIOR:

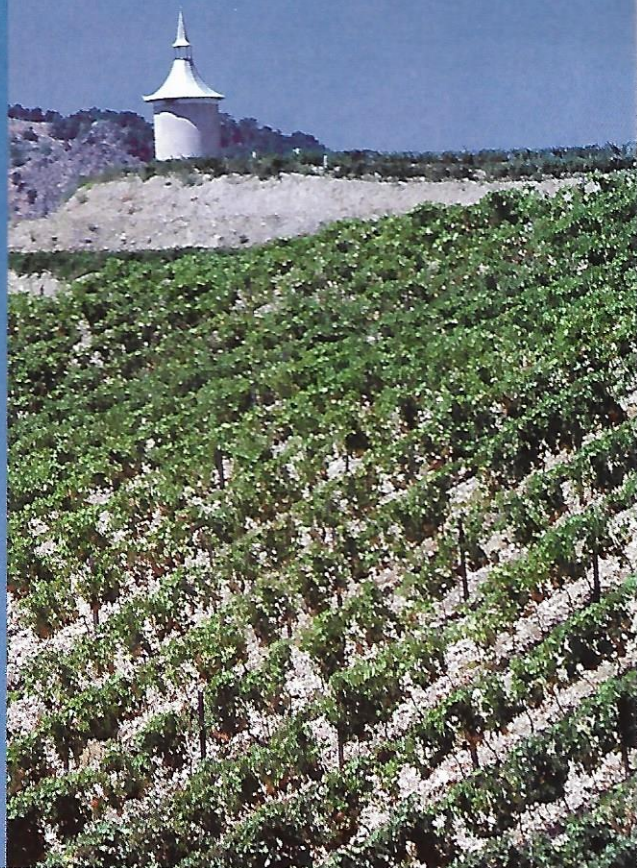
Quinta D'Aguiar
Santa Maria de Aguiar
Figueira de Castelo Rodrigo

ALENTEJO:

Quinta da Terrugem
Terrugem (Elvas)

Quinta do Barranco
Malhada Alta (Alandroal)

QUINTA DOS QUATRO VENTOS
DOURO SUPERIOR



notícias de um gabelense na cali

antónio p. fernandes

620 marin ave. Modesto cal. 95358 - usa

Quando há dias andava a rever uns livros antigos deparei com esta fotografia tirada no Colégio Infante de Sagres, penso que em 1972 ou 1974. Muitos dos miúdos que aqui estão, gostariam de ter uma recordação da infância nesse estabelecimento de ensino. Gostariam de mostrar aos seus filhos, aos seus colegas, aos seus professores, o colégio que os começou a lançar na vida.



ALUNOS DO COLÉGIO INFANTE DE SAGRES

Nela estão os meus dois filhos, quando eram crianças. Hoje as minhas netas parecem tiradas a *papel químico*. Nem sei como consegui encontrar esta recordação da Gabela porque, praticamente, regresssei com a roupa que tinha comigo. Não me perguntem como esta foto me veio ter às mãos.

Nela estão dois excelentes professores, duas excelentes pessoas o Senhor Marito e sua esposa. Do professor Marito recordo algumas coisas que me dizia do meu filho mais velho, a quem deu repreensões, dizendo-me que não podia bater nos miúdos. Sempre lhe disse que lá dentro ele era o pai de todos os jovens.

Talvez algum dia dê mais pormenores.

Se alguns destes alunos quiserem uma foto destas, contactem para o email: boticas@worldnet.att.net ou para o telefone 0012095380318 ou para a minha direcção.

Festas do Espírito Santo na Califórnia.

Estou a escrever da Califórnia, parte integrante de um grande País Estados Unidos da América. Este Estado se fosse um país era a quinta economia mundial.

Dou graças a Deus em ter sido acolhido



CABRINHOS DO GADO DE LEITE A SAIREM DO LARGO DO SALÃO PARA A IGREJA



CAVALEIROS NA FRENTE DO GADO DE LEITE

neste País, que é hoje, Pátria de muitos portugueses, parte deles espoliados e expulsos da terra que tinham escolhido para viver – Angola. Tivemos de fugir, regressando à nossa Pátria Portugal, mas nela não encontramos acolhimento, sendo recebidos como exploradores, mal vistos como colonos ladrões e apelidados de “*retornados*”.

Não retornamos, mas fugimos de uma guerra apoiada pelos *políticos de então*, que hoje se julgam heróis e se passeiam por Portugal orgulhosos da descolonização que apadrinharam, alimentando uma guerra resultante da diferença da cor - brancos e negros - .

Lá só queriam negros e tudo o que era branco tinha de ser abatido. Até nas pocilgas, onde havia centena de porcos, todos os que eram brancos eram mortos.

Hoje somos verdadeiros cidadãos americanos.

O que leva a escrever esta crónica são as festas do Espírito Santo que os portugueses oriundos dos Açores fazem nesta imensa Califórnia, a que muitas vezes assistimos. Estivemos na cidade de Modesto, onde residimos, no *Bodo de Leite*, que se realiza no sábado antes da festa do Espírito Santo, onde se faz uma parada com carros alegóricos, cada um com o seu enfeite. Carros com gente a assar sardinhas, a distribuí-las pelos visitantes, com um barril de vinho, tudo à discrição.

Há desfiles de cavalos, belos animais, que a assistência elege o melhor... Há bonito gado bovino a puxar carroças, que saem do local da festa, directos à igreja, com cantadores a cantarem o *pezinho*, acompanhados com os tocadores, com o andar de Santo Antão padroeiro do

fórnica - usa

animais. No parque da igreja o padre benze os animais e todos regressam ao recinto das festas, onde é distribuído queijo e pacotes de leite e a famosa *massa sovada*, que é um pão doce muito apreciado nestas festas. Serve-se depois, no salão a chamada *caçoila*, que é carne assada no forno, acompanhada de bebidas, para toda a gente, não importa se portugueses, mexicanos, americanos (preto ou branco), todos entram comem e bebem.

Antes disso quando a parada segue para a igreja têm um carro à porta do salão com cerveja a copo e tremoços para toda a gente.

No domingo, logo de manhã, formam a parada com as *rainhas grandes*, *rainhas do meio* e *rainhas pequenas*, todas acompanhadas das suas damas de honor, com quatro ou cinco bandas de música e seguem para a igreja. De regresso da missa, no salão de festas,

são servidas sopas do Espírito Santo até às sete horas da tarde.

Este ano fomos até à cidade de Half Moon Bay, uma pequena cidade que dista cerca de 450 Kms. Daquela em que resido. Está no fundo de uma serra - dum lado a serra e do outro o mar, cuja principal actividade é floricultura.

Saudades para todos os gabelenses, que muito estimo.

crónica da califórnia

antónio p. Marques

Estou a escrever este apontamento após ter chegado de férias em Portugal, país que talvez tenha sido a última vez que visito. As razões são muitas! Quando tirava férias em Portugal fazia-o mais para visitar velhos amigos! Cada vez que aí vou os amigos são menos ou seja partiram. Só os voltaremos a encontrar quando chegar o dia da nossa partida definitiva.

Eram esses amigos que eu gostava de abraçar quando os encontrava e que me faziam pensar em Portugal. Hoje quando chego e vou procurá-los a resposta dos vizinhos é que já faleceram.

Este ano ainda tive a felicidade de visitar um desses amigos, mas já no hospital e ainda lhe lembrar uma frase que um "policia", há muitos anos me disse na balança do Alto Hama: *pode-me facultar os seus documentos?* Esse meu amigo, Moraes, que na Gabela foi dono do bar do Sporting, já nos últimos dias de vida ainda conseguiu rir-se, prometendo-me que iria em breve almoçar comigo no restaurante Sobreiro de Valpaços, cidade onde residia. Só que a família já me tinha confidenciado que os dias seriam poucos. Passado três dias recebo uma chamada na minha residência em Viseu de uma neta, dizendo-me que o meu amigo já tinha falecido.

A tristeza foi tal que nem coragem tive para ir ao funeral. Amigo até qualquer dia. Havemos de voltar a encontrar-nos. A



EXPO LISBOA. O AMIGO ALFREDO SIMÕES E ESPOSA E A ESPOSA DO SIGNATARIO

esposa e a filha sabem quanto nós também sofremos com a perda de mais este bom amigo. Paz à sua alma. Outro que também esperava encontrar era o meu amigo Leontino, que residia em Adorico, concelho de Tabuaços, onde fui propositadamente para o ver. Os vizinhos informaram-me que havia falecido quase há dois anos.

São estes e tantos outros que não mencionei, que faziam com que eu pensasse em ir a Portugal. Como não os posso visitar penso que vou ficar por aqui, a recordá-los, porque quando passasse perto do local onde esses amigos residiam, podia imaginar que eles ainda lá estavam e ir-lhe bater à porta...

Amigos, enquanto por cá andar, embora

a caminhada esteja, também, a chegar ao fim, sempre vos recordarei.

Durante as férias que foram longas, ainda tivemos amigos que nos deram o privilégio de almoçarmos juntos. Ainda foram alguns.

Fomos a Lisboa encontrar velhos amigos e até almoçamos com eles. Pessoas de quem nunca nos esqueceremos, como o Alfredo Simões e a esposa. Este bom amigo de há muitos anos, assim como era também o seu falecido pai Alfredo e esposa, não tenho palavras para lhe agradecer. Sabíamos que ele hoje não pode movimentar-se como quando o conhecemos aquele homem dinâmico, amigo do seu amigo, sempre pronto a ajudar quem precisasse dos seus serviços. Soubemos que teve um acidente mas o prazer ser prestável é o mesmo.

Aqui de muito longe a esse casal amigo o meu muito obrigado por nos ter proporcionado conhecer lugares maravilhosos.

Também encontramos o nosso amigo Silva Carvalho, com quem tivemos o prazer de dialogar, homem que qualquer pessoa fica encantada de ouvi-lo falar. A minha esposa, a qualquer pessoa que fale nele, só diz que é um prazer escutá-lo. Este amigo deu-nos o prazer de estar connosco, mesmo não estando bem de saúde. Um muito obrigado por tudo e por nos ter levado ao encontro de outros amigos, na baixa de Lisboa, como o Senhor Luís Proença da Farmácia Amboim e o senhor Amaral da Boa Altura. Quando os encontramos nem acreditava... Os anos não passaram por eles!

O Senhor Amaral que não via desde 1967, parecia-me o mesmo que conheci nesse tempo. Espero que esses dois amigos se mantenham sempre jovens... Tive pena de não ter tempo para cumprimentar a senhora Dr^ª. Maria Teresa, por quem tenho muita consideração!

Tivemos a companhia do senhor Carlos Felgueiras. Eu conhecia melhor o pai e a mãe, que faziam muitas vezes compras na "Casa Passarinho". Foi um prazer ter conversado com ele no almoço. Um dia bem passado que ficará no meu livro de memórias...

Visitei o meu primeiro e único patrão que tive em Angola, o senhor José Marques Martins, sócio da firma Duarte & Martins e esposa D^ª. Mimi, com quem almoçamos num restaurante centenário de Magualde. Sempre tivemos boas relações de amizade. Guardo as melhores recordações e muitos dos conselhos que me deu. Servimos essa firma sempre com empenhamento, primeiro na Cela Velha e depois na "Casa Passarinho" na Gabela, dando o nosso melhor.

Tive nestas férias o privilégio e grande prazer de almoçar com ex-colegas Américo Cordeiro, Videira, Salazar e o Chico. Do último já não me lembrava. Os restantes foram ótimos colegas, com quem me relatei sempre muito bem e passei momentos que sempre irei recordar...

Visitei o nosso bom amigo Rafael Pulido e esposa D^ª. Cecilia. Aparecemos de surpresa. Fomos a um lindíssimo restaurante junto ao lago da Pateira que tem uma maravilhosa paisagem. Ao casal os meus agradecimentos pela



CALIFÓRNIA DEL VALEY PARK - GABELENSSES E OS SEUS DESCENDENTES



JORGE FERNANDES E SEUS FILHOS
TONY FERNANDES, SUA ESPOSA E FILHOS

amabilidade que tiveram connosco. Fui a Aveiro para visitar o Dr. Carlos Brito. Não o encontrei na antiga residência e por colegas soube que estava doente e tinha mudado de casa. O Dr. Brito é casado com a D^ª. Fernanda Santareno, filha do senhor Santareno da Administração e da D^ª. Mariana. O Dr. Brito foi aspirante na Cela Velha e enquanto solteiro compartilhávamos as refeições no refeitório a casa Duarte & Martins, na mesma mesa.

Esforcei-me para estar com ele. Não foi possível. Foi pena pois se calhar seria a última vez que nos veríamos...

Gostaria de deixar um apelo a quem souber do paradeiro de dois amigos que são: o Eduardo Mesquita que trabalhou no Duarte & Martins, no armazém do café, que residia na Areosa ou Ermezinde e o Joaquim Dantas, que tinha uma Fazenda de café na Lapala e vivia na área de Braga., lhes informassem da minha direcção 620 Marin Ave., Modesto California (USA),

ou telefone 0012095380318.

Nesta minha viagem a Portugal, tive o privilégio de visitar as CAVES ALIANÇA, em Sangalhos, que vêm mencionadas no nosso boletim.

Fui acompanhado de um amigo e tivemos como cicerone uma simpática jovem que nos mostrou as instalações. Descemos dez metros abaixo do solo e vimos o que nos parecia impossível. Tanta garrafa de champanhe e tão grandes tonéis de aguardente. Fomos devidamente informados, em cada local que passávamos como tudo era feito, desde o champanhe, como se tira a impureza, até como era conservada a aguardente. Vale a pena visitar essas grandes caves...

Para a próxima falarei mais destas férias. Até lá um grande abraço.

Ano de 2004 – Modesta Califórnia – USA.

o conceito de desporto

acácio oliveira

O jogo admitido como dimensão própria da natureza humana não se define, mas descreve-se: opõe-se a trabalho a emprego (em princípio), bem como a utilidade, sendo da ordem do divertimento, como actividade espontânea, gratuita, com **regras claras**.

O jogo tem fim em si mesmo mas o jogador não se finaliza aí: aí se educa, se expande nas suas qualidades, elevando instintos de **ganância, agressividade e poder**.

Com esta base debruço-me, agora, sobre **o conceito** (e a prática) **do Desporto**. Estamos diante de uma palavra muito rica de significado, bem coerente com o que acabo de dizer.

Desporto vem do francês antigo "déport" (ou desport), isto é, actividade "sem porte", sem cobrança gratuita por si mesma (lúdica), de divertimento, recreação, de certo modo oposto a "suportar".

Quero, assim, significar toda a actividade física que encontra gratificação no próprio exercício e na elevação do corpo e do espírito, agindo em habilidade e confrontação, com regras e no respeito por si próprio e pelos adversários, que se pode sintetizar no famoso ideal Olímpico de ir "mais rápido, mais alto e mais forte".

No grande sentido o desporto é (deve ser) uma arte para quem o pratica e um espectáculo para quem o contempla. Mas pode haver arte de agir e jogar que é espectáculo, mas não é desporto.

A actividade dita desportiva pode deixar de ser desporto, por exemplo, pode tornar-se um **emprego**. E pode degradar-se, subvertendo os ideais que o humanizam e fazem nascer.

Por exemplo, quando o desporto se torna indústria (que com vários interesses compra e vende homens) e o "jogador" se profissionaliza ao ponto de pôr a sua arte ao serviço do lucro, o tal "des-porte", passa a ser "com-porte" muito bem pago, onde o ganhar e perder estão para além do bom e mau desempenho com que se aprende a jogar a vida para significar, nuns casos, sobrevivência e, noutros, promoção no emprego, sonho de luxo e



ostentação, culto de imagem do herói que vende e se vende, servindo interesses comerciais clubistas e outros, nem sempre confessados.

Infelizmente, **O FUTEBOL** e alguns outros desportos que podem dar dinheiro, cedendo a pressões socioeconómicas que sabem tirar partido dos fenómenos de emoção e de massas, acabaram por cair, por perder a sua essência lúdico-humanista para se tornarem competições de artistas bem pagos que oferecem espectáculos de alto "valor", mais que estético e desportivo, sobretudo, comercial. Aliás, um dos indicadores de uma certa "cultura" consumista, actual, está em saber o preço mas não o valor.

Na verdade, talvez tenha chegado a hora de fazer algumas incómodas, politicamente incorrectas. Por exemplo: entre um espectáculo de trapézio no circo e um jogo de futebol profissional, onde está o verdadeiro desporto? E não há mais desportivismo, num *ballet*, num concurso de dança...ou numa corrida de atletismo de veteranos, do que nesses jogos com jogadores à venda que a televisão nos mostra?

Quando virá a hora da

coragem/honestidade política de passar esse tipo de futebol-indústria para as páginas dos espectáculos (tanto ou mais dignas!) em vez das desportivas? E, que significa, desportivismo é esse, quando um jornal de desportos dedica dez páginas a essa profissão e comércio de paixões e apenas uma para todas as outras modalidades? E onde estão os nossos heróis Olímpicos e **paralímpicos**?

A não clarificação das situações, além de estimular as paixões mais primárias e perigosas é, pedagogicamente, **perversa**. É a pessoa que perde e o desporto **fica** sem sentido e sem função social e cultural que lhe cabe se continuar a iludir este tema.

Então, será farisaico lamentar que as gerações tenham perdido a nobreza dos ideais, a grandeza do saber perder...e ganhar sem humilhar, a capacidade de ser solidário e co-responsável numa mesma equipa e numa mesma causa, acabando por esvaziar de todo mais uma das máximas perenes do progresso humano: mentes sãs em corpo são. **Espero com muita expectativa que a regulamentação da nova Lei de Bases do Sistema desportivo Português, venha a ser muito mais justa, honesta e real.**



Tó Trindade, Luís Castano,
Oliveira, Fernando Jorge
Pereiras, Velez, Boia,
Carlos Gonçalves, Lurdes Camelo,
A. De Sá, Isidro, Rocha, Júlio,
Meritão

Solteiros / casados
1964

o pensamento arremedos de estudos e ensaios

Luís de Sousa

Só em pensamento se é livre, se nasce como a brisa, se voa como o vento. Todavia e ainda assim, é preciso saber voar. Aqui reside, pois, o busfílis da questão.

As pessoas, ao falarem umas com as outras, no conversar, no informar, no comunicar, começam, em geral, pela construção mental de conceitos ou de ideias, juízos e raciocínios.

Conceitos ou ideias, juízos e raciocínios, são os pilares fundamentais do pensamento, assentam sobre os princípios da lógica que se constituem em elementos estruturantes sem os quais não há pensamento no rigoroso sentido do termo; são construções mentais exteriorizáveis em diferentes linguagens, em regra, por expressões verbais no uso da palavra, da língua, em formulações de base tais como: termos, proposições e argumentos.

Os termos são a exteriorização, a expressão verbal, a formulação, dos conceitos e das ideias; as proposições são a exteriorização, a expressão verbal, a formulação, dos juízos; os argumentos são a exteriorização, a expressão verbal, a formulação, dos raciocínios.

Os conceitos são universalidades abstractas construídas mentalmente por abstracção das características particulares dos indivíduos da mesma espécie, das coisas concretas, sensíveis.

As ideias são universalidades, tal como os conceitos, abstractas, também construídas mentalmente, só que, desta feita, não por abstracção das características particulares das coisas concretas, sensíveis, mas sim das notas específicas das coisas em si, notas abstractas, inteligíveis.

As ideias são, em rigor, abstracções de abstracções, enquanto os conceitos são abstracções de coisas concretas.

Os juízos são pensamentos mais ou menos curtos, mais ou menos simples e resultam de construções mentais com dois conceitos ou com duas ideias (conceitos ou ideias designados na formulação por termos: primeiro termo e

segundo termo, sendo um, o sujeito e o outro, o predicado) ligados pela cópula, geralmente o verbo ser.

Os conceitos ou as ideias subjacentes aos termos têm de ser compatíveis entre si, isto é, têm de convir uns aos outros.

Os raciocínios são também pensamentos, ao invés, mais ou menos longos, mais ou menos complexos. Constroem-se, mentalmente, com juízos que se encadeiam, se articulam, se ligam, adequadamente, uns aos outros, através de uma característica, de uma nota, de um elemento ou elementos que lhes sejam comuns.

Os conceitos e as ideias, estas quando encaradas do ponto de vista das coisificações, têm extensão tal como as coisas por eles representadas e situadas no espaço e no tempo. E são mais ou menos compreendidos consoante sejam menos ou mais extensos, o que quer dizer que os conceitos e as ideias, quanto mais extensos, menos compreensivos são e, quanto mais compreensivos, menos extensos são. Segue-se, daqui, que a extensão e a compreensão dos conceitos e das ideias variam na razão inversa uma da outra.

Acresce que a extensão do conceito ou da ideia traduz-se pelo maior ou menor número de seres, de coisas, de objectos, que esse mesmo conceito ou ideia abrange, contém, comporta. A compreensão do conceito ou da ideia, essa, traduz-se pelo maior ou menor número de características, de notas específicas, de qualidades, de atributos, a ele, conceito ou ideia, referidos.

No que respeita ao domínio da compreensão, quanto mais características forem referenciadas, tanto mais será compreendido o conceito ou a ideia.

Nas conversas vulgares, no linguajar do quotidiano, no dizer de coisas do dia a dia do comum dos mortais, constroem-se conceitos, ideias, juízos, raciocínios; usam-se, na expressão verbal dos mesmos, termos, proposições, argumentos e argumentações (conjunto de argumentos adequadamente articulados e unidos num todo coerente polissilogismos e sorites). Nem sempre,



PÔR DO SOL NA BAÍA FARTA

contudo, se tem exacta consciência da complexidade de todas essas coisas, aparentemente cominhas e envolvidas nas vulgaríssimas conversas; conversas que, no extremo da vulgaridade, se ficam, as mais das vezes, pela superficialidade, sem sentido, sem norte, num qualquer “blá-blá” inconsistente e desconexo.

E muito menos consciência se terá de que só se pensa, de que só se ajuíza, de que só se raciocina, de que só se racionaliza, de que só se argumenta e contra-argumenta, de modo correcto, legítimo, válido, quando o pensamento, nas suas construções mentais, respeita os princípios e as regras da lógica, que deverão começar sempre logo na base, na construção de conceitos e de ideias, passar pela construção de juízos e de raciocínios e terminar na construção das correspondentes entidades linguísticas: termos, proposições, argumentos e argumentações.

De todos os argumentos susceptíveis de serem construídos, o chamado silogismo regular é o de menor complexidade e, por conseguinte, o mais simples.

Não obstante a aludida simplicidade, o silogismo regular só se constitui em verdadeiro argumento e não em mero arazoado, quando na sua construção não sejam ignorados, enfatize-se, os princípios da lógica: o que é, é (princípio da identidade); o que é, não pode ser e não ser ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto (princípio da não contradição); o que é, ou é ou não é (princípio do terceiro excluído).

Nas tais conversas vulgares, no tal linguajar quotidiano, no tal nosso cavaquear do dia a dia, mesmo entre os tidos por conscientes da complexidade da argumentação, não é normal exprimirem-se no uso de silogismos regulares. Na circunstância, quase sempre os silogismos regulares dão lugar aos silogismos irregulares (entimemas,

epiqueremas, polissilogismos progressivos e regressivos, sorites progressivos e regressivos, silogismos hipotéticos nas suas três vertentes: condicional, disjuntivo e dilema).

São silogismos regulares os argumentos constituídos por três proposições (duas premissas e uma conclusão) e três termos (termo maior, termo médio e termo menor). Cada uma das proposições contém dois termos (o primeiro e o segundo, sendo o primeiro termo o sujeito da proposição e o segundo termo o predicado). Os termos aparecem ligados, um ao outro, por um verbo, em regra, o verbo ser (cópula).

As proposições, que, no silogismo, são designadas por premissas, deverão revelar-se, de acordo com as regras da lógica, adequadamente ligadas entre si pelos termos, de modo tal que o primeiro termo da primeira premissa seja o segundo termo da segunda premissa, o primeiro termo da segunda premissa seja o primeiro termo da conclusão e o segundo termo da primeira premissa o segundo termo da conclusão.

De entre os dois termos da primeira premissa, um é o termo maior, por, relativamente aos três termos, ser o de maior extensão e, o outro, por ser de extensão média, o termo médio, sendo, por último, o primeiro termo da segunda premissa, o termo menor, por ser o de menor extensão.

Portanto e em síntese, um silogismo regular, o argumento menos complexo, mais simples, é constituído por duas premissas, uma conclusão e três termos, tudo adequadamente articulado e encaixado em unidade total e coerente.

Todo o silogismo que se desvie do modelo do silogismo regular será silogismo irregular. Ainda assim, para que se considere silogismo, se bem que irregular, torna-se necessário que não caia na inobservância dos princípios e regras da lógica. Se cair, incorrer-se-á em falácia, vício de raciocínio, que poderá revestir uma de duas modalidades: paralogismo e sofisma. Paralogismo, se se cai não intencionalmente no vício; sofisma se se cai intencionalmente no vício e com o propósito de enganar.

O pensamento, no seu processar discursivo, no seu caminhar passo a passo, etapa por etapa, quer no modo dedutivo, quer no modo indutivo, ou ainda no modo antitético, começa, em manifestação embrionária, com a

sensação “feed back”, reacção induzida pela impressão causada por estimulação dos órgãos dos sentidos, arranca com a intuição a partir da sensibilidade voltado para as coisas mais terrenas, atinge o entendimento com os conceitos, juízos e raciocínios, elevando-se daqui à razão, já não tão atido aos meros conceitos mas, agora, sim, rendido à sublimidade das ideias e aos juízos e raciocínios em construções puramente abstractas.

Nesse seu discurso, o pensamento, já na sua verdadeira manifestação após a dimensão embrionária, arranca do seu primeiro nível, o da sensibilidade, atinge o segundo nível, o do entendimento e quando, a partir daqui, voa mais alto, se eleva para além das coisas concretas, se embrenha no predomínio das coisas abstractas, atinge o seu nível mais elevado, o da razão.

Inferre-se do que se vem de dizer, que qualquer pensamento, seja ele qual for todo o Homem pensa só se diferencia de um verdadeiro raciocínio quando não se processa de modo correcto, válido, legítimo. Fora disso, falar de pensamento ou de raciocínio é falar de

coisas semelhantes, diferentes, quando muito, apenas em relação aos níveis mais ou menos elevados em que se processa: raciocínio, ao nível do entendimento empírico, mais voltado para as coisas concretas, terra-a-terra, sensíveis; ou raciocínio ao nível do entendimento racional, mais voltado para as coisas abstractas, inteligíveis; num ou noutro caso, porém, sempre exteriorizável no argumento e na argumentação.

Raciocínio e argumento são, portanto, uma e a outra face de uma mesma moeda.

O raciocínio decorre dos juízos que o constituem bem assim como as suas inferências. Desenvolve-se no complexo da mente, do intelecto. É operado, processa-se, no íntimo, na interioridade do ser humano, em sede de pensamento.

O argumento decorre das proposições que o constituem bem assim como as suas conclusões. Desenvolve-se como exteriorização mental, intelectual. É operado, processa-se em termos de expressão do pensamento em sede linguística.



SOBA

Pegue-se no seguinte argumento, no seguinte silogismo regular e proceda-se à sua análise, à divisão do todo nos elementos que o constituem:

Todos os homens são mortais; João é homem; João é mortal.

Todos os homens são mortais, primeira proposição do argumento, primeira premissa do silogismo e premissa maior por conter o termo de maior extensão sem relevar do facto de conter também o termo médio. homens, sujeito da primeira proposição, primeiro termo da primeira premissa e termo médio por ser, dos três termos do silogismo (homens, mortais e João), o termo de média extensão; mortais, predicado, qualidade, atributo, do sujeito da primeira proposição, segundo termo da primeira premissa e termo maior por ser dos três termos referidos o de maior extensão.

João é homem, segunda proposição do argumento, segunda premissa do silogismo e premissa menor por conter o termo de menor extensão sem relevar do facto de conter também o termo médio. João, sujeito da segunda proposição, primeiro termo da segunda premissa e termo menor por ser, dos três termos do silogismo (homens, mortais e João), o termo de menor extensão; homem, predicado, qualidade, atributo, do sujeito da segunda proposição, segundo termo da segunda premissa, sendo, também, como é evidente, o sujeito da primeira proposição, o primeiro termo da primeira premissa e termo médio por ser dos três termos referidos o de média extensão.

João é mortal, terceira proposição do argumento e conclusão do silogismo. João, sujeito da terceira proposição, primeiro termo da conclusão, sendo, também, como é evidente, o sujeito da segunda proposição, o primeiro termo da segunda premissa premissa menor e termo menor por ser dos três termos do silogismo (homens, mortais e João), o termo de menor extensão; mortal, predicado, qualidade, atributo, do sujeito da terceira proposição, segundo termo da conclusão, sendo, também, como é evidente, o predicado, a qualidade, o atributo, do sujeito da primeira proposição, o segundo termo da primeira premissa premissa maior e termo maior por ser dos três termos referidos o de maior extensão.

Verifica-se do acabado de expor a aplicação e funcionamento da regra dos termos já atrás enunciada, base para além dos princípios da lógica da construção do silogismo regular, do argumento menos complexo, do

argumento mais simples de construir.

A regra dos termos tem a sua génese no princípio de identidade o que é, é princípio este que poderá revestir uma outra formulação equivalente àquela: duas coisas ou situações iguais a uma terceira são, as três, iguais entre si.

Com efeito, se homem é mortal e se João também é mortal, então, homem, João e mortal são, na dimensão do ser, iguais entre si e, em termos tangíveis, também o são, pelo menos no que concerne à característica comum da mortalidade: homem é homem (o que é, é); Se homem é homem, então, homem, não pode ser homem e não homem ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto (se o que é, é, então o que é, não pode ser e não ser ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto); e se, homem, não pode ser homem e não homem ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto, então, homem, ou é homem ou não é homem (e se, o que é, não pode ser e não ser ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto, então, o que é, ou é ou não é).

Mortal é mortal (o que é, é); Se mortal é mortal, então, mortal, não pode ser mortal e não mortal ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto (se o que é, é, então o que é, não pode ser e não ser ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto).

E se, mortal, não pode ser mortal e não mortal ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto, então, mortal, ou é mortal ou não é mortal (e se, o que é, não pode ser e não ser ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto, então, o que é, ou é ou não é). João é João (o que é, é); Se João é João, então, João, não pode ser João e não João ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto (se o que é, é, então o que é, não pode ser e não ser ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto).

E se, João, não pode ser João e não João ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto, então, João, ou é João ou não é João (e se, o que é, não pode ser e não ser ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto, então, o que é, ou é ou não é).



Homem, mortal e João, todos, os três, são, e por, todos, os três, serem, são iguais entre si na dimensão do ser e não só, também o são na característica da mortalidade.

Acresce a tudo isto que, nas tais vulgaríssimas conversas do dia-a-dia, numa qualquer discussão ou mesmo em simples jogo ou debate de ideias, se se quiser chegar a bom termo, importa começar por delimitar com precisão a questão posta em contraversão no que tem de principal, essencial, central, destringendo-a das questões secundárias, acessórias, laterais.

Em vista do desiderato perseguido, depois de delimitada a questão, passar-se-á à definição, à indicação do sentido, com distinção e máximo de clareza possível, dos termos usados no debate, bem como à indicação, nítida, não difusa, do sentido das proposições que forem enunciadas, fugindo-se desta sorte à ambiguidade e, por esta via, evitando a ocorrência de vícios de raciocínio (falácias), quer voluntários (sofismas) quer involuntários (paralogismos) consubstanciados, no primeiro caso caso dos termos no equívoco, no segundo caso das proposições na anfibologia.

E tudo assim, afinal, em ordem a obviar a que seja iludida a verdadeira facticidade da questão posta e o verdadeiro sentido das relações tecidas entre os factos que a integram.

Para além das cautelas vindas de relevar, atente-se ainda, também para fugir às falácias, nos modos de articulação das proposições entre si ao construírem-se argumentos, contra-argumentos e argumentações, bem como na fixação dos planos de posicionamento das partes em confronto para que, particularmente nas inferências directas e imediatas, se saiba se as posições em presença são contrárias, contraditórias, sub-contrárias, ou subalternas, possibilitando, assim, no debate de ideias, a opção consciente pelo modo mais adequado de contra-atacar ou de defesa, se for caso disso.

lar d'o gabelense ou lar d'o angolano

luis fernandes

Não é pioneira a ideia de se construírem instalações que possam servir de Sede para a nossa Associação, e, porque não, se se encontrar uma posição geográfica equidistante, também de local privilegiado para os nossos encontros anuais e reuniões de trabalho bianuais.

Esse local seria equipado com instalações de albergaria e restauração, com estrelas a definir, servindo para dar guarida ou todos aqueles que o desejassem, na curva descendente da vida, num local onde se agrupariam e se revigoraria a memória com boas e más lembranças de um passado já longínquo em terras d'África.

A ideia de facto não é (foi?) má e temos dois ou três bons exemplos deste tipo de investimento em Portugal.

A grande questão é que os projectos existentes vingam dependendo do mecenato a tempo inteiro de um, às vezes dois titulares de título de Comendador ganhos além fronteiras e que por razões puramente naturais, extinguindo-se a chama da Vida vão-se, e, os projectos e empreendimentos alguns em fase de velocidade cruzeiro, acabam por se extinguir com eles por lhes faltar a chama que lhes deu origem.

Aqui mesmo em Santo Tirso existe um projecto semelhante, que nunca chegou à velocidade de cruzeiro.

O seu promotor, um Comendador regressado da Venezuela, perdeu tempo e dinheiro com as burocracias habituais do nosso País por um lado, e por outro porque o que seria um projecto que agruparia investimento por parte de outros emigrantes e porque não investidores residentes, ficou a cargo praticamente integral do seu promotor.

Projectos assim vão-se esgotando no tempo, colocando-se os tijolos à medida que o Mecenaz vai disponibilizando as verbas ganhas noutra lado.

Até que um dia, o Benemérito, a quem não saiu o Totoloto mas sim trabalhou toda



uma vida para amealhar o suficiente para poder repartir com outros menos bafejados pela sorte, mercê da avançada idade, vai-se. Apaga-se-lhe a Vela da Vida e com ela também os projectos que não chegou a concretizar.

Existe ainda uma outra grande dificuldade em definir e arrancar com um projecto destes. Muito simples e tem a ver muito simplesmente com o desenraizamento dos promotores, no caso Gabelense.

Costumo dizer em ar de brincadeira que não tenho Terra. De origem em Pais da falda da Serra da Estrela, nasci em Lisboa, por acidente, tendo ido para Angola antes dos dois anos de idade.

Regressado aos vinte e cinco, emigrei e é ainda por acidente que me encontro a residir nos arredores de Santo Tirso, minha Terra de Adopção.

Neste vai e vem somos arrancados à Terra tantas vezes quantas somos de novo replantados, vão-se minando e reduzindo raízes que na falta de forças para se refixarem, encontram algum

ânimo em memórias idas de camarão a acompanhar um fininho, velhas caçadas, amores vividos, amizades desfeitas.

Esta minha "imagem" pessoal não é única e é extensível à grande maioria de nós. Grande parte nem sequer cá nasceu.

Há ainda a dispersão a que fomos sujeitos tanto em Portugal como no resto do Mundo.

Esta dispersão é um empecilho natural ao desenvolvimento de um projecto sólido.

Também é verdade que o tempo que entretanto passou, já lá vão trinta anos, foi-nos levando a Juventude, a Saúde e até a Vida daqueles, cujos interesses, capacidade de empreendimento, força anímica e porque não laços de amizade verdadeira, aquela que é conseguida e estruturada ao longo da Infância, da Adolescência e mais tarde no relacionamento profissional, poderiam levar a cabo tamanha e tão importante empreitada.

CAMAPE, LDA. E IRMÃOS CASTRO



Urbanização Cidadela de Ílhavo

Construídos na 1ª fase 117 fogos, com qualidade, conforto e segurança, localizados a 5 minutos da Universidade de Aveiro e a 10 das praias, este empreendimento habitacional encontra-se estrategicamente localizado a pensar num estilo de vida jovem, dinâmico e funcional.